

ORQUESTRA JAZZ DE MATOSINHOS

A construção de uma orquestra de jazz em Portugal

Introdução:

A minha atividade artística e criativa nos últimos anos tem sido ocupada, quase em exclusivo, pela direção artística e musical da Orquestra Jazz de Matosinhos (OJM) que hoje é reconhecida e se tem afirmado como a mais importante formação deste género em Portugal, desempenhando o papel de uma Orquestra Nacional de Jazz.

A este reconhecimento nacional, a orquestra tem conseguido acrescentar o reconhecimento internacional, o que levou a orquestra a tocar com algumas das mais importantes figuras do jazz mundial, em salas de concerto e clubes de jazz prestigiados em Portugal e em diversos países na Europa e nos EUA.

A OJM foi alargando o âmbito da sua atuação ao longo destes anos de existência. Hoje, é um projeto artístico multifacetado composto por:

1. uma Orquestra de Jazz que é um instrumento que procura a excelência artística e musical ao serviço deste género musical, sendo um fórum de compositores que promove a criação e a diversidade musical através da encomenda sistemática de novas composições e arranjos;
2. um Serviço Educativo dirigido aos alunos das escolas infantis, primárias, básicas e secundárias do concelho de Matosinhos, preocupado com a prática musical e artística enquanto bem essencial para o bem-estar, promovendo a criação de novos públicos mais bem informados;
3. um centro chamado CARA (Centro de Alto Rendimento Artístico) em parceria com o INESC-TEC e FEUP, que materializar-se-á no futuro espaço que vamos ocupar no quarteirão reabilitado da Real Vinícola, em que pretendemos encontrar novas formas de utilizar a tecnologia para estudarmos a improvisação, a interação em tempo real e promovermos a criatividade e a espontaneidade musical.

Mas apesar de hoje termos este raio de ação alargada, o principal objetivo da criação da OJM foi a existência de uma orquestra de jazz profissional em Portugal que se equiparasse às melhores orquestras de jazz mundiais. É este projeto e o seu percurso que eu quero falar neste trabalho para a atribuição do título de especialista na área do Jazz.

Assumo desde a fundação a direção geral e artística deste projeto. A direção musical da orquestra é partilhada com o Carlos Azevedo, e conto com o apoio na parte administrativa e na gestão de Jorge Coelho.

Um projeto desta natureza, e com este ambicioso objetivo depende de vários fatores: 1. um projeto artístico e musical original e coerente; 2. um grupo de músicos qualificados que conheça e domine a linguagem jazzística; 3. um forte e sustentado apoio institucional; 4. condições de trabalho e ensaio adequados.

A OJM percorreu, e continua a percorrer este percurso.

Índice

1. História da Orquestra Jazz de Matosinhos

- 1.1. Héritage Big Band – a génese
- 1.2. Orquestra Jazz de Matosinhos

2. Projeto Artístico

- 2.1. Orquestra de Autor – Orquestra de Repertório
- 2.2. Músicos
- 2.3. Edição Musical – Divulgação
- 2.4. Organização Administrativa

3. Apoio Institucional

- 3.1. Câmara Municipal de Matosinhos
- 3.2. Organismos de Apoio às Artes
- 3.3. Casa da Música

4. Local de Ensaio

5. Conclusão

1. História da Orquestra Jazz de Matosinhos

1.1. Héritage Big Band – a génese

A Héritage Big-Band (HBB) surgiu da minha vontade de criar uma orquestra de jazz na região do Grande Porto, que fosse residente num bar e que tivesse atuações semanais à semelhança das orquestras de jazz em Nova Iorque. Naquela altura, segunda metade dos anos 90 do século passado, a Câmara Municipal de Matosinhos investia na criação de uma cena jazzística local através da criação do Festival de Jazz de Matosinhos, do apoio a dois bares que programavam jazz e às ações pedagógicas nas escolas do concelho através da iniciativa Jazz Desce à Escola.

Decidi contactar o João Vilhena, dono do Héritage Café, para lhe propor a criação de uma orquestra residente, que se apresentasse duas vezes por mês no seu espaço. Propus-lhe também que a orquestra adotasse o nome do bar como contrapartida ao compromisso assumido. Defini que o projeto musical passava por interpretar música original minha e arranjos originais de músicas de outros compositores. O primeiro repertório que a Héritage Big-Band (HBB) interpretou era composto pelas músicas originais: *Abertura*, *Aquarela*, *Saco Amarelo*, e pelos arranjos originais dos temas *Days Gone By* de Fred Hersch, *Mo'Joe* de Joe Henderson e *Play Like you Mean It* de Laurent Filipe.

No dia 30 de Janeiro de 1997, demos o primeiro concerto, e mantivemos a periodicidade de duas apresentações mensais no clube até final de Julho de 1997. Em retrospectiva, este primeiro concerto definiu a natureza artística da orquestra para o futuro: uma orquestra de autor e uma orquestra de repertório com arranjos originais.

No primeiro concerto, os músicos que compuseram a HBB foram:

Pedro Guedes - direção, composição, arranjos e piano

José Luís Rego, Rui Teixeira, Mário Santos e Manuel Caspurro - Saxofones

Miguel Reis Lima e José Silva - Trompetes

Fernando Alves, David Silva e Jorge Freitas - Trombones

António Augusto Aguiar - Contrabaixo

Acácio "Salero" Cardoso - Bateria

Fora do Héritage Café atuámos no lobby de entrada da EXPONOR, na abertura de todos os concertos do 1º Matosinhos em Jazz. Durante este período a orquestra expandiu-se, aumentando para a configuração tradicional das orquestras de Jazz: 5 saxofones, 4 trompetes, 4 trombones e secção rítmica. Rogério Ribeiro e Eduardo Santos entraram para as trompetes, Paulo Perfeito para os trombones e Fernanda Alves e Mário Brito para os saxofones.

Outro facto revelante durante este primeiro período, foi a entrada de Carlos Azevedo para a orquestra. Em setembro de 1997 fui estudar para Los Angeles para fazer um curso de pós-graduação em Scoring for Movies and Television na University of Southern California, como bolseiro Fulbright e da Fundação Luso-Americana. Durante este período, de setembro de 1997 a maio de 1998, Carlos Azevedo assumiu a direção musical da orquestra, expandindo o repertório com os seus temas originais: *Calhau*, *Noite*, *Oube Lá*, *Héritage* e *Labirinto* e o

arranjo original do tema *Come Unto Me*. Com o meu regresso partilhámos a direção musical da orquestra, situação que mantemos até hoje.

Após a minha partida para Los Angeles, João Vilhena foi sentindo dificuldades financeiras em manter o compromisso com a orquestra, o que originou uma redução do número de concertos da orquestra no Héritage Café. Em concordância com o João Vilhena, colocámos ao Dr. Manuel Seabra, na época Vereador da Juventude da Câmara Municipal de Matosinhos (CMM), a hipótese de criarmos uma Orquestra de Jazz que tivesse o apoio camarário, e que fosse residente em Matosinhos. De entre as opções de nome que apresentámos, ele escolheu a Orquestra Jazz de Matosinhos. Este apoio que se tornou efetivo e ininterrupto desde 1999, levou à criação de uma associação sem fins lucrativos que desde então é a estrutura que suporta a atividade da orquestra.

A primeira vez que a orquestra atuou com a designação de Orquestra Jazz de Matosinhos foi em 27 de Novembro de 1998 na festa de abertura da loja FNAC no Norte Shopping em Matosinhos. A formalização da Associação iria levar ainda um ano a concretizar, tendo sido constituída legalmente a 15 de Dezembro de 1999.

1.2. Orquestra Jazz de Matosinhos

Durante o período compreendido entre 1998/2004 a OJM começou a alargar o seu raio de ação geográfico. Até então Matosinhos e o Norte de Portugal eram os destinos principais das nossas atuações. Neste período conseguimos alargar ao resto do país e à Galiza o nosso circuito de concertos. O repertório da Orquestra mantinha-se o mesmo, interpretávamos temas originais de Pedro Guedes e do Carlos Azevedo.

Em Novembro de 2001, no concerto de encerramento da programação de Jazz da Porto 2001 - Capital Europeia de Cultura, interpretámos pela primeira vez um repertório que não era o nosso repertório original; era composto por encomendas que fizemos a diferentes compositores portugueses. O intuito era claro, criar um repertório de compositores portugueses para orquestra de Jazz.

As encomendas, financiadas pela Porto 2001, foram feitas a: António Pinho Vargas (arr. Carlos Azevedo), António Pinto (arr. Claus Nymark), Bernardo Sassetti, Carlos Azevedo, Laurent Filipe, Mário Laginha, Pedro Moreira e Zé Eduardo. Neste concerto a orquestra foi dirigida pelo Zé Eduardo, e tivemos como solistas convidados os músicos norte-americanos Bob Berg no saxofone tenor, Ingrid Jensen na trompete e Conrad Herwig no trombone. Alargamos periodicamente esta repertório adicionando novas encomendas.

Em 2002 apresentamo-nos em concerto com o Remix Ensemble no Teatro Sá da Bandeira no Porto. Dirigida por Stefan Asbury e com o trompetista Guy Barker como solista convidado, interpretámos temas do famoso álbum da dupla Miles Davis-Gil Evans "Sketches of Spain". Esta foi primeira experiência de interação com outros agrupamentos musicais. Posteriormente, iríamos colaborar com outras formações, designadamente com a Orquestra Sinfónica Casa da Música do Porto, Drumming – Grupo de Percussão e WDR Big-Band de Colónia.

Foi neste período também, durante 2004, que gravámos o nosso primeiro registo discográfico que se chama CD#0. Uma edição de autor disponibilizada através de download gratuito no nosso site, nesta edição ficaram registradas as nossas primeiras composições. (<https://soundcloud.com/toap/sets/ojm-0>)

Em 2005 começamos uma nova etapa no desenvolvimento da orquestra. A Casa da Música concluída, abriu-nos as portas e transformou-se na nossa “Casa” enquanto sala de ensaio e local de apresentação regular de concertos. Esta mudança trouxe novos desafios à orquestra pois tivemos que alargar o âmbito da nossa ação musical, com a obrigatoriedade de interpretar novos repertórios e estabelecer novas parcerias musicais que a programação regular na Casa da Música nos obrigava.

A presença assídua no Festival de Jazz de Matosinhos, a programação no Cine-Teatro Constantino Nery e os convites para apresentar programas com novos repertórios, nomeadamente em Serralves, contribuíram também para essa abertura e diversificação da música que interpretávamos nos nossos concertos.

A nossa realidade mudou. Passámos a ser dirigidos por alguns dos mais reputados compositores para big-band, Carla Bley, Maria Schneider, Jim McNeely ou John Hollenbeck. Trabalhamos também com a nova geração de compositores Americanos e Europeus: Guillermo Klein, Darcy James Argue, Peter Bernstein, Ohad Talmor, Pierre Bertrand, etc. Interpretamos repertórios tradicionais de Jazz. Continuámos a investir no repertório português para big-band através das novas encomendas a diferentes compositores. Fizemos incursões na música contemporânea em atuações com a Orquestra Sinfónica da Casa da Música, Remix Ensemble e Drumming – Grupo de Percussão. Fizemos incursões em repertórios mais populares com a Manuela Azevedo, de música brasileira com a Maria Rita ou de música cabo-verdiana com a Mayra Andrade entre outros.

Algumas destas parcerias que fomos estabelecendo levaram à internacionalização da atividade da orquestra. Em Junho de 2007 fomos tocar com o Lee Konitz na celebração do octogésimo aniversário do saxofonista no Carnegie Hall em Nova-Iorque. Nesta ocasião aproveitámos para lançar o disco que resultou desta parceria “Portology”. Em Outubro desse ano apresentamo-nos com o mesmo projeto no Teatro Manzoni em Milão. Em 2009 voltamos aos EUA para tocar outra vez com Konitz, desta vez durante quatro noites no reputado clube de jazz nova-iorquino Jazz Standard.

Com o projeto que criámos com o Kurt Rosenwinkel que estreámos na Casa da Música, tocámos em 2010, durante 5 noites, no clube nova-iorquino Iridium e no festival Beantown Jazz Festival, no Berkley Performance Center em Boston na altura do lançamento do CD “Our Secret World”. Em 2011, voltámos a Nova-Iorque para tocar com Kurt Rosenwinkel, durante 5 noites no clube Birdland. Em 2014 actuámos no 46º Festival internacional de Jazz de Barcelona. Em 2016 fomos tocar na prestigiada sala Vienense Wiener Konzerthaus e no famoso clube de jazz nova-iorquino Blue Note durante 6 noites. Estas são algumas das nossas idas ao estrangeiro.

Outro aspeto importante da internacionalização, é o facto de sermos a orquestra de jazz residente do Voll-Damm Festival Internacional de Jazz de Barcelona, um dos mais reputados festivais de jazz europeus.

Em resumo, a OJM tem-se apresentado ao longo destes anos em locais que vão desde as pequenas salas de concerto, a clubes de jazz em Portugal e nos EUA, a grandes salas em Portugal e no estrangeiro e em grandes palcos em concertos para grandes públicos.

2. Projeto Artístico

A OJM foi um projeto que foi crescendo num processo de evolução contínuo, sistemático, passo a passo sem grandes momentos disruptivos. A forma que encontrámos para fazer face ao défice de formação e conhecimento que tínhamos em certas áreas, foi recorreremos ao contacto com os melhores músicos/compositores /técnicos no estrangeiro. Consolidada a aprendizagem, conseguimos replicar todas as fases do processo em Portugal.

Hoje, já não precisamos de ir buscar músicos estrangeiros para liderarem os naipes da orquestra, já não precisamos de convidar solistas improvisadores, já não precisamos de ir misturar e masterizar os nossos discos lá fora. Continuamos a desenvolver projetos artísticos e a convidar músicos estrangeiros para trabalharem connosco, mas é uma opção artística; os aspetos mais técnicos da nossa atividade estão resolvidos. Reforço a importância que teve o facto de termos fomentado o contacto com os melhores nas diversas áreas e como isso nos ajudou na busca daquilo que procuramos: a excelência musical.

Porque apoia a criação de nova música e encomenda arranjos a compositores nacionais e estrangeiros, a OJM é também um Fórum de Compositores. É nossa missão estimular a criatividade e tentar encontrar novos paradigmas musicais para este tipo de formação. É nesta busca incessante e metódica que tentamos colocar desafios a nós próprios através dos diferentes projetos que vamos criando.

A reposição dos repertórios que vamos fazendo, além de permitir a amortização do investimento, é um factor importante que estimula a evolução da qualidade musical dos projetos. Projetos como os de Kurt Rosenwinkel, de Lee Konitz, a série de concertos a Viagem pelos Tempos do Jazz, João Paulo Esteves da Silva ou como o repertório das cantoras Maria João, Manuela Azevedo ou Mayra Andrade têm sido demonstrações práticas da importância dessa premissa.

2.1. Orquestra de Autor / Orquestra de Repertório

A ideia artística inicial da Héritage Big-Band é ainda hoje o desígnio artístico da OJM: Orquestra de Autor que interpreta música original de Pedro Guedes e do Carlos Azevedo, e Orquestra de Repertório que interpreta diferentes repertórios especialmente concebidos.

Apesar de encomendarmos a outros compositores e arranjadores peças musicais, acho que há uma individualidade da OJM pelo facto de grande parte desse trabalho ser feito pelo

Pedro Guedes e Carlos Azevedo. Há a criação de uma identidade artística pelo facto de sermos os principais motores do rumo musical da orquestra, e que a ajudam a distinguir o nosso trabalho dos restantes.

Por outro lado, é indubitável o ganho de conhecimento e perícia musical que adquirimos ao interpretar diferentes repertórios enquanto orquestra de repertório. Esta diversidade originou a elasticidade que eu hoje encontro na OJM; a versatilidade para interpretar repertórios tão distintos como o faz, e a curiosidade que nos leva a procurar parcerias musicais em diversas áreas musicais.

2.2. Músicos

Apesar do trabalho crucial que a Escola de Jazz do Porto tinha feito na década de oitenta, quando comecei a orquestra o número de músicos de Jazz no grande Porto era ainda reduzido. Havia sobretudo músicos de secção rítmica, mas poucos sopros, especialmente metais. A Orquestra foi construída com os músicos que estavam disponíveis oriundos do mundo do Jazz na secção rítmica e saxofones, e oriundos da formação clássica nos trompetes e trombones. Só mais tarde com a entrada de Eduardo Santos e posteriormente o Hugo Alves tivemos os primeiros músicos jazz na secção de metais.

A abertura do curso superior de Jazz na ESMAE veio alterar este cenário de escassez de músicos. Numa primeira fase os músicos da OJM, pertenceram ao grupo dos primeiros alunos do curso de Jazz, na procura das habilitações académicas que não tinham nesta área. A presença destes músicos na escola foi muito importante na minha perspetiva, porque foi com a experiência musical deles que se estabeleceu o nível da qualidade do curso. Numa fase posterior, a orquestra beneficiou do trabalho que se ia fazendo na escola e foi integrando músicos que lá se tinham formado.

Apesar dessa evolução na qualidade e quantidade de músicos de Jazz com abertura do curso de Jazz, a especificidade da prática musical em orquestra de jazz levou a que tivéssemos que convidar músicos estrangeiros, mais experimentados no desempenho desses papéis, para ajudarem na formação dos nossos instrumentistas. Numa primeira fase, convidámos o trompetista francês Erick Poirier e o trombonista francês Michael Joussein para tocarem respetivamente 1º trompete e 1º trombone. A presença deles não se limitava à orquestra, fizeram seminários na ESMAE com os nossos músicos e com os alunos do curso de Jazz da Escola. Michael Joussein foi inclusive professor de trombone na variante de jazz durante algum tempo na ESMAE.

Para a gravação do nosso segundo disco, convidámos da Brussels Jazz Orchestra o lead alto Frank Vaganée, e o trompetista Nico Schepers para integrar a secção de metais com Erick Poirier e Michael Joussein. Convidámos também Chris Cheek como solista convidado e Jordi Rossi para tocar bateria. A ideia foi trazer músicos que colmassem os aspetos mais débeis da orquestra: metais, bateria e um grande solista improvisador, membro da nova geração de músicos de jazz emergente na cena nova-iorquina.

A vinda do trompetista norte-americano Nick Marchione, 1º trompete da Vanguard Jazz Orchestra, também foi crucial para o desenvolvimento da qualidade da orquestra. Foi o lead trumpet da OJM de 2007 a 2011.

Todo este trabalho de aprendizagem que fomos desenvolvendo com estes instrumentistas estrangeiros convidados, foi crucial para a evolução musical da orquestra. Permitiu-nos estabelecer o patamar de qualidade artística e musical no nível que pretendia.

2.3. Edição Musical - Divulgação

A discografia da Orquestra é composta por 7 CDs e um DVD. Fomos editando a nossa música através da nossa editora TOAP/OJM, através de edições de autor, através de editoras de renome internacional no mundo jazzístico como a editora espanhola Fresh Sound New Talent e a editora norte-americana Omnitone, e também através de grandes editoras multinacionais como a Universal Music. A discografia representa a diversidade de colaborações que temos tido e reflete o investimento que fomos fazendo na criação de novos repertórios.

2014	Jazz Composers Forum – <i>today's European-American big band writing</i> Ed. TOAP/OJM
2013	Bela Senão Sem <i>com João Paulo Esteves da Silva</i> Ed. TOAP/OJM
2011	Amoras e Framboesas <i>com Maria João</i> Ed. Universal Music
2010	Our Secret World <i>com Kurt Rosenwinkel</i> Ed. WOMMUSIC
2007	Portology <i>com Lee Konitz – Arranjos e Direção de Ohad Talmor</i> Ed. Omnitone
2006	OJM Invites Chris Cheek - <i>Original Music by Carlos Azevedo e Pedro Guedes</i> Ed. Fresh Sound New Talent
2005	OJM#0 Ed. Autor – disponibilizado gratuitamente na internet no site da OJM
E um DVD	
2016	Costa Muda Ed. Autor

Tínhamos boas condições de gravação em Portugal. Gravámos os nossos primeiros CDs no MB Estúdios que tinha as condições de equipamento e de dimensão necessárias para gravar uma orquestra de Jazz. Nos primeiros discos após a gravação, misturámos os discos em Nova-Iorque com o James Farber um dos mais reputados engenheiros de som no universo jazzístico. Tal como com os músicos, recorremos a experiência dos mais reputados para posteriormente autonomizarmos o processo. Nas últimas edições da OJM todo o processo de gravação, mistura e masterização é feito em Portugal com o Mário Barreiros.

Sempre consideramos importante a orquestra ter independência editorial. Decidimos na altura, em vez de criarmos uma marca nova, de associarmo-nos a uma editora que já tinha um percurso importante em Portugal: a TOAP. Expandimos a editora para TOAP/OJM para continuar o trabalho que a editora ia fazendo de editar uma geração de novos músicos de Jazz que iam surgindo em Portugal, adicionando a OJM. Vimo-nos na necessidade de a encerrar em 2013 pelo facto de a editora não se autossustentar.

Além da discografia da OJM, a orquestra tem um canal na plataforma Youtube – OJazzM (<https://www.youtube.com/user/OJazzM>) com quase um milhão de visualizações. O registo sistemático áudio/vídeo dos mais diversos projetos que fomos fazendo ao longo dos anos tem alimentado a distribuição digital de conteúdos, com grande sucesso.

2.4. Organização Administrativa

Em termos organizacionais, temos uma estrutura administrativa consolidada e organizada. A direção da Associação tem o apoio administrativo de duas pessoas. Jorge Coelho que me apoia na parte administrativa e na gestão, na execução das candidaturas aos organismos das artes e a fundos comunitários, e Carla Morais no secretariado que apoia a atividade da Associação e da Orquestra.

Além de uma assessoria jurídica de um escritório de advogados, a OJM tem o apoio contabilístico de um Técnico Oficial de Conta e as nossas contas são certificadas por um Revisor Oficial de Contas. Julgámos ser crucial para a credibilidade do projeto que existam estes mecanismos de clarificação e fiscalização.

3. Apoio Institucional:

3.1. Câmara Municipal de Matosinhos

O nosso principal apoio financeiro e logístico é a Câmara Municipal de Matosinhos (CMM), que numa aposta inédita e de risco, investiu na criação de uma orquestra de jazz em Portugal. Com esse apoio, criámos uma estrutura administrativa e financeira a Associação Orquestra Jazz de Matosinhos, capaz de concorrer a financiamentos nacionais e comunitários, e que suporta administrativamente toda a nossa atividade. A Associação teve a primeira sede na Escola de Música Óscar da Silva, seguiu-se um espaço situada no edifício Nova Centralidade em S. Mamede Infesta. Atualmente estamos sediados num edifício anexo à Casa da Juventude em Matosinhos.

Este apoio permite o pagamento integral da estrutura da Orquestra (direção, salários dos funcionários da associação) e ainda a remuneração dos ensaios regulares dos nossos músicos. É uma parceria fundamental ao funcionamento da Orquestra. Fruto deste apoio, uma parte principal da nossa programação artística e a totalidade da nossa ação pedagógica é feita no concelho de Matosinhos.

Na parte artística, um dos primeiros grandes desafios que nos foi colocado foi termos que tocar na marginal de Matosinhos perante milhares de pessoas. Foi o primeiro concerto para grande público que fizemos e teve a participação da cantora brasileira Maria Rita.

Concebemos um espetáculo para a cerimónia de abertura do renovado Cine-Teatro Constantino Nery. Para este concerto “3 Tenores”, convidámos três saxofonistas tenores de topo da atualidade, Joshua Redman, Mark Turner e Chris Cheek e fizemos encomendas de obras a quatro compositores, Carlos Azevedo, John Hollenbeck, Ohad Talmor e Pedro Guedes.

Desenvolvemos também um ciclo de 8 concertos no Cine-Teatro Constantino Nery, intitulado “Uma Viagem pelos Tempos do Jazz”, concebido, coordenado e em concerto narrado por Manuel Jorge Veloso. Este ciclo, disperso em 2 anos, permitiu-nos interpretar algumas das mais icónicas peças para orquestra de Jazz existentes, dotando-nos de um conhecimento da literatura fundamental para big-band, crucial para a nossa evolução. Este projeto obrigou a um trabalho de arqueologia musical, já que algumas das músicas selecionadas por Manuel Jorge Veloso não existiam as partituras disponíveis. Convidámos o músico Telmo Marques que fez um magnífico trabalho de transcrição a partir das gravações de muitas das peças musicais essenciais a este ciclo.

Fizemos também, no Cine-Teatro Constantino Nery, outro ciclo de 8 concertos intitulado “Jazz Composers Forum – *today’s European-American big-band writing*”. Com o apoio do QREN e ON2, conseguimos financiamento para realizar estes concertos que pretendiam colocar em diálogo a composição para big-band na Europa e nas Américas. Para o efeito, convidámos 8 compositores, 4 de cada lado do Atlântico para interpretarem repertório que já tinham anteriormente escrito, e fizemos a encomenda de uma nova peça que resultaria no CD que lançamos com o mesmo nome.

Neste momento, no referido teatro, temos um ciclo dedicado aos talentos emergentes do Jazz Português. A ideia é dar a oportunidade a jovens músicos para atuarem como solistas convidados no contexto de uma orquestra de jazz.

A parte pedagógica e educativa com as escolas do concelho também tem ocupado boa parte da nossa atividade. Uma das primeiras tarefas que foi transferida para a esfera da nossa responsabilidade foi a continuação do trabalho das atividades pedagógicas que a CMM desenvolvia. O investimento que a autarquia fez no Jazz desde o princípio tinha tido uma grande preocupação com a vertente pedagógica, através das ações do Jazz Desce à Escola, nas escolas básicas e secundárias no concelho.

Mantivemos as ações do Jazz Desce à Escola, que consistia num septeto formado dentro da OJM que se deslocava às escolas do concelho e contava a história da evolução dos diversos

estilos de jazz através de exemplos musicais, que iam desde o Dixieland até ao Jazz Fusão. Posteriormente, tentamos a criação de um curso de Jazz profissional ao nível do secundário em colaboração com a Escola de Música Óscar da Silva e a Escola Secundária Augusto Gomes. O curso acabou por não abrir porque não tivemos o número de candidatos suficientes para a sua abertura e conseqüentemente o financiamento necessário.

Decidimos ampliar o nosso raio de ação e criamos a OJM Júnior, que consistia numa orquestra de Jazz formada por jovens músicos. Primeiro através de ensaios semanais na Casa da Juventude em Matosinhos, posteriormente como seminários de orquestra de Jazz inseridos no Festival de Música Júnior iniciativa que decorre anualmente em Montalegre. A Orquestra Júnior funcionou até 2014.

Hoje, o Serviço Educativo é coordenado pelo Filipe Lopes, e temos desenvolvido trabalho com as escolas do concelho dos diferentes níveis escolares. O resultado final é Grande Pesca Sonora, concerto que integra comunidades escolares, associações e a Orquestra Jazz de Matosinhos. A Pesca Sonora é um projeto de criação e performance musical, abrangendo também trabalho visual (e.g. vídeo, fotografia) e literário (e.g. produção e recolha de textos). Essencialmente, e tomando a criação musical como elemento primordial, a Pesca Sonora traz para terreno comum a música, a imagem e o texto. Outra das ações que desenvolvemos é o “II,V,I”, são pequenas performances, a solo ou em duo, especialmente direcionadas para Jardins de Infância e Escolas do 1º Ciclo. São performances teatro-musicais que envolvem movimento e música, gravitando à volta de um instrumento em particular (e.g. saxofone, trompete, violoncelo),

3.2. Organismos de Apoio às Artes

Com a criação da Associação sem fins lucrativos, começamos também a concorrer a financiamentos junto dos organismos de apoio às artes subsidiários do Ministério da Cultura/Secretaria de Estado da Cultura.

Em Janeiro de 1999 concorremos pela primeira vez ao concurso do Instituto Português de Artes do Espetáculo não tendo obtido qualquer apoio. Fizemos uma segunda candidatura no ano seguinte, e desde então temos sido apoiados ininterruptamente pelos diferentes organismos de apoio às artes que se foram sucedendo.

A introdução dos apoios quadriennais trouxe uma alteração importante à forma de pensar o projeto: a possibilidade de pensarmos a longo prazo. Desde 2009 que estamos neste tipo de apoio. Na segunda candidatura que fizemos para o apoio quadriennal 2013/2016, fomos a instituição classificada em primeiro lugar na área da música.

Ficou assim definido o modelo de financiamento da OJM que até hoje se mantém. Financiamento da Câmara Municipal de Matosinhos, Ministério/Secretaria de Estado da Cultura e as receitas próprias provenientes da venda de concertos.

3.3. Casa da Música

A Casa da Música foi outro dos parceiros fundamentais no desenvolvimento da OJM. Após o concerto de encerramento da programação da Porto 2001 Capital Europeia da Cultura, a OJM manteve uma relação próxima com a Casa da Música. Esta ligação que mantivemos levou-nos a integrar a programação que a Casa da Música, sem edifício concluído, ia fazendo na cidade. Além do concerto mencionado com o Remix Ensemble, participámos também no Festival em Obra Aberta com a Carla Bley em 2003 num concerto memorável na sala principal da Casa da Música, inacabada e com janela aberta para a rotunda da Boavista, e em 2004 num concerto no Teatro Rivoli com o solista convidado Mark Turner onde interpretámos o nosso repertório original, com composições do Pedro Guedes e do Carlos Azevedo, que daria origem ao segundo registo discográfico. Após a conclusão das obras na Casa da Música em 2005 começamos a ensaiar no edifício, o que se revelou um fator decisivo para o nosso crescimento.

Outro factor decisivo na relação com a Casa da Música, foi o fato de termos a obrigação de apresentar diferentes repertórios ao longo da temporada. Esta obrigação levou a que tivéssemos iniciado uma série de colaborações com alguns dos mais conceituados músicos de jazz e de outros géneros musicais, ajudando a moldar a nossa natureza.

Para a a programação da Casa da Música fizemos projetos com:

- 2005 – Repertório Original Pedro Guedes e Carlos Azevedo | Rick Margitza – sax
Duke Ellington | Dieter Glawischnig - dir
- 2006 – *Portology* - Lee Konitz - sax | *Ohad Talmor* – dir
- 2007 - *Thad Jones* | Rich Perry - sax, Nick Marchione - tpt e John Riley - bat,
Perico Sambeat,
Dee Dee Bridgewater
- 2008 – *Brussels Jazz Orchestra e OJM* | Chris Cheek - sax,
OJM + OSCMP,
Kurt Rosenwinkel
- 2009 - *Drumming - Atlantic Folk Songs*,
3 Tenores: Mark Turner, Andy Sheppard, Chris Cheek,
Maria João
- 2010 - *OJM + OSCMP* (Dirk Brossé - dir, Jason Moran - piano, Chris Cheek - sax),
Carla Bley e Steve Swallow,
Kurt Rosenwinkel (lançamento do CD)
- 2011 - João Paulo Esteves da Silva,
Maria Schneider - dir
Portology - Lee Konitz - sax | Ohad Talmor - dir
- 2012 - *Viagem Tempos do Jazz parte I: narração de Manuel Jorge Veloso*,
Mayra Andrade
- 2013 - Cine-Concerto,
Viagem Tempos do Jazz parte II: narração de Manuel Jorge Veloso
- 2014 - *Manuela Azevedo*,
Carlos Bica Azul Trio
- 2015 - Kurt Rosenwinkel,
Repertório original Pedro Guedes e Carlos Azevedo | Chris Cheek - sax
- 2016 - Sérgio Godinho,

Fred Hersch

4. **Condições de ensaio**

Finalmente após anos a ensaiar em sítios sem as melhores condições para o efeito tivemos a oportunidade de usar salas de ensaio que nos permitiram trabalhar a performance da orquestra de forma adequada. A Casa da Música abriu-nos as portas e cedeu-nos o local de ensaio desde 2005. Este fator foi decisivo para a OJM.

Esta aposta da Casa da Música na OJM tinha também o peso da responsabilidade de aproveitar a oportunidade que nos estava a ser concedida. Nunca mais me esqueço do arrepio que senti ao entrar pela primeira na Casa da Música para ensaiarmos.

Hoje em dia a OJM, fruto da aposta da que a CMM faz na orquestra, vai ter um edifício no edifício da Real Vinícola em Matosinhos. São 800 m² que vamos ocupar trazendo novas oportunidades e desafios à nossa ação.

Este espaço é:

1. um espaço de ensaio e é um estúdio de gravação. Um espaço em que mal entremos esteja pronto para gravarmos, que seja um espelho que reflete e uma memória que grava a nossa atividade.
2. um centro de investigação denominado CARA (Centro de Alto Rendimento Artístico) em parceria com o INESC-TEC e FEUP, local em que pretendemos encontrar novas formas de utilizar a tecnologia para estudarmos a improvisação, a interação em tempo real e promovermos a criatividade e a espontaneidade musical. Achamos que uma parte da evolução deste instrumento - Orquestra Jazz de Matosinhos - passa pela utilização das novas tecnologias.
3. um local onde vamos apoiar a atividade que o Serviço Educativo vai desenvolvendo com as escolas primárias, básicas e secundárias do concelho de Matosinhos, preocupados com a prática musical e artística enquanto bem essencial para o bem-estar, promovendo a criação de novos públicos.

5. **Conclusão:**

Celebramos 20 anos de existência em 2017. Somos hoje uma Orquestra consolidada que tem uma atividade regular de concertos em Portugal e no Estrangeiro, e que é referida pela crítica especializada como uma orquestra que desempenha o papel de uma Orquestra Nacional de Jazz.

A Orquestra brevemente, vai ter um espaço integrado num quarteirão das Artes em Matosinhos que a coloca num patamar único em relação às estruturas congéneres no mundo inteiro. Já assinámos o contrato de comodato com a CMM. Vamos ter condições de ensaio e de gravação de topo, e poderemos desenvolver projetos artísticos únicos se se cumprirmos os apoios à compra de equipamento a que estamos a concorrer.